



VOLUME 15, NÚMERO 2
Julho- Dezembro 2019

A GINÁSTICA ARTÍSTICA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS (1979-2016)

ARTISTIC GYMNASTICS IN BRAZILIAN JOURNALS (1979-2016)

GIMNASIA ARTÍSTICA EN REVISTAS BRASILEÑAS (1979-2016)

Diego Falce Ferreira¹
Wallace Nascimento de Almeida²
Neil Franco³

¹ Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

³ Doutor em Educação. Docente da Faculdade de Educação Física e Desportos e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa: Corpo, Culturas e Diferença

Correspondência para: neilfranco010@hotmail.com

Submissão: 04 de abril de 2019

Primeiro resultado: 27 de junho de 2019

Resultado final: 10 de agosto de 2019.

Resumo: Analisou-se como a Ginástica Artística vem sendo evidenciada em seis periódicos nacionais de referência para a área de Educação Física no período entre 1979 a 2016. Consiste de uma pesquisa indireta, de caráter bibliográfico e do tipo descritiva cujas análises se pautaram numa abordagem quanti-qualitativa. Foram encontradas 5279 publicações nos periódicos analisados em um período de trinta e sete anos. Dessas publicações 172 abordam o tema ginástica, sendo 28 com foco específico para a GA. Dessas publicações, 23

contextualizam sobre o contexto não escolar e 5 se destinam ao contexto escolar. Independente do contexto evidenciado, foi identificado que a GA aparece de forma tímida nos periódicos analisados com ênfase na formação profissional para o alto rendimento, portanto, reiterando a vertente da aptidão física como fator predominante na Educação Física.

Palavras-chave: **Ginástica Artística. Pesquisa bibliográfica. Periódicos.**

Abstract: It was analyzed how the Artistic Gymnastics has been evidenced in six national periodicals that are reference for the Physical Education area in the period between 1980 and 2016. From the methodological point of view, it consists of an indirect research, of a bibliographic character and of the descriptive type whose analyzes were based on a quantitative-qualitative approach. A total of 5279 publications were found in the periodicals analyzed over a period of thirty seven years. Of these publications, 172 approach the gymnastics theme, and 28 of those focus specifically on AG. Of these publications, 23 contextualize on the non-school context and 5 are destined for the school context. Regardless of the context, it was identified that AG appears timidly in the analyzed periodicals with emphasis on professional training for high performance, thus, reiterating the aspect of physical fitness as a predominant factor in Physical Education.

Keywords: Artistic Gymnastics. Bibliographic research. Periodicals.

Resumen

El presente trabajo analizó cómo el tema Gimnasia Artística (GA) viene siendo evidenciado en seis periódicos nacionales de referencia para el área de Educación Física en el período entre 1979 a 2016. Como metodología, es una investigación indirecta, de carácter bibliográfico y del tipo descriptivo cuyas análisis se basan en un abordaje cuantitativo y cualitativo. Se encontraron 5279 publicaciones en los periódicos analizados en un período de treinta y siete años. De estas publicaciones 172 abordan el tema gimnasia, siendo 28 con foco específico para la GA. De esas publicaciones, 23 contextualizan sobre el contexto no escolar y 5 se destinan al contexto escolar. Independiente del contexto evidenciado, se observa que la GA aparece de forma tímida en los periódicos analizados con énfasis en la formación profesional para el alto rendimiento, por lo tanto, reiterando la vertiente de la aptitud física como factor predominante en la Educación Física.

Palabras Clave: Gimnasia artística; Estado del Arte; Contexto escolar; Contexto no escolar.

INTRODUÇÃO

Ao lançarmos um olhar sobre a produção teórica sobre o fenômeno da ginástica no mundo e suas ramificações que deram origem a diversas expressões gímnicas, a Ginástica Artística (GA) pode ser entendida como tendo sua gênese nas práticas corporais da Antiguidade, passando por conflitos sobre a possibilidade de suas manifestações na Idade Média e Renascimento, o que não caracterizou como abandono dessas práticas – pelo menos nas atividades cotidianas do povo europeu, fora do olhar da igreja. A Era Moderna consagra seu processo de sistematização junto ao movimento científico dos séculos XVIII e XIX, em especial, sob a influência do movimento idealizado por Friedrich-Ludwing Jahn, ampliando seu caráter técnico e esportivo nos séculos XX e XXI (DIANNO, 1988; PUBLIO, 1997; AYOUB, 2003; NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2005).

Interessado nesta temática, este estudo analisou como a GA se evidencia em periódicos nacionais específicos para a área de Educação Física (EF) no período entre 1979 a 2016. Essa pesquisa se justifica pela baixa produção de publicações com levantamento de dados específicos sobre GA; aspecto visto na busca inicial via portais eletrônicos específicos de pesquisa (*Scielo* e Google Acadêmico) e no levantamento realizado nos periódicos investigados.

Barros et al. (2016) e Carbinatto et al. (2016a, 2016b) confirmam essa afirmativa ao especificarem, respectivamente, a produção sobre GA e ginástica no sentido mais amplo. Destacam a incidência da ginástica como foco investigativo em periódicos nacionais e internacionais, contudo, não possibilitam o acesso aos referenciais levantados. Com isso, além de construir um mapeamento do tema em questão, este estudo pode auxiliar e nortear outras investigações neste campo ao propor a construção de um inventário sobre o tema.

Partindo dessas considerações, questiona-se: a proposta do Movimento Renovador da EF tem possibilitado um olhar sobre a GA, como objeto de investigação científica, que se distancie da perspectiva da aptidão física e da esportivização, no contexto escolar ou não escolar?

MÉTODO

O estudo é uma pesquisa indireta e de caráter bibliográfico que se utiliza de dados científicos coletados por outros/as estudiosos/as. (MATTOS; ROSETTO JÚNIOR; BLECHER, 2008, p. 37), realizado em três etapas. Primeira, identificou-se periódicos de referência nacional para a área de EF, sediadas em diferentes regiões do país, que enfocam o contexto escolar e não escolar, e que ofereciam um panorama do contexto investigado desde os anos de 1970. Selecionou-se 06 revistas: Revista Brasileira de Ciência do Esporte (RBCE), Revista Brasileira de Ciência e Movimento (RBCM), Motrivivência, Movimento, Conexões e Pensar a Prática.

Tal critério se justifica pelo fato do Movimento Renovador da EF brasileira ter se estruturado entre as décadas de 1970 e 1980, na tentativa de reordenar os pressupostos norteadores da EF colocando em suspensão os princípios do paradigma da aptidão física e do alto rendimento que sustentavam a prática pedagógica dessa área (BRACHT; MACHADO, 2016). Bracht (1999) ressalta ainda o forte viés sociológico e filosófico advindo das ciências humanas e sócias que influenciou teoricamente esse processo epistemológico, sobretudo pautado numa orientação marxista.

A segunda etapa consistiu em identificar nos periódicos as publicações que enfocavam o universo da ginástica e, especificamente, sobre GA. No primeiro momento, a busca foi realizada através da consulta aos sumários de cada edição dos periódicos disponibilizados em suas bases eletrônicas. Tal procedimento se justifica pelo fato de que algumas revistas com edições entre anos de 1979 e 1990 apresentam edições em arquivos PDF únicos, impossibilitando a busca segura por descritores em seus ícones de pesquisa por palavras chaves. No segundo momento, partiu-se para a confirmação do material levantado via busca pelos descritores “ginástica olímpica” e “ginástica artística”.

Pretendeu-se, na perspectiva quantitativa e qualitativa, descrever o perfil assumido pela GA, levando em consideração o contexto de inserção (escolar ou não escolar), tipo de pesquisa, metodologia e campo teórico. Na última etapa, a proposta foi de descrever e contextualizar sobre a inserção da GA nos periódicos investigados.

A pesquisa é de abordagem quanti-qualitativa. Na primeira e segunda etapa, prevalece uma abordagem quantitativa, com foco nos dados numéricos, apontando a frequência do fenômeno pesquisado. Na terceira etapa, sob o viés qualitativo, aprofundou-se na descrição e interpretação dos dados (GÜNTHER, 2006; SEVERINO, 2016), que foram correlacionados a referenciais teóricos da área de EF, em especial, ao campo das teorias críticas do conhecimento.

GA E EF: DADOS QUANTITATIVOS

De acordo com o quadro 01, foram identificadas 5279 publicações nos periódicos analisados no período de 37 anos. Dessas, 172 abordam a ginástica, correspondendo a aproximadamente 3,2% da amostra. Esses dados refletem a pouca representatividade da ginástica como conteúdo curricular e objeto de estudo no campo da EF, aspecto que se relaciona com a chegada ao Brasil da EF desportiva generalizada em 1940 (BRACHT, 1992; AYOUB, 2003).

Quadro 01: Levantamento quantitativo das revistas

Revista	Período	Publicações	Publicações Ginástica	Publicações GA

-	-	-	-	Não Escolar	Escolar
RBCE	1979 - 2016	1141	32	11	-
RBCM	1987 - 2016	1177	35	07	01
Motrivivência	1988 - 2016	750	12	01	-
Movimento	1994 - 2016	903	25	-	01
Conexões	1998 - 2016	606	43	-	02
Pensar a prática	1998 - 2016	705	25	04	01
Total	-	5279	172	23	05
Total				28	

Referente às modalidades de ginástica, 14 categorias foram identificadas a partir das 172 publicações levantadas que foram identificadas e quantificadas, primeiramente, em relação às modalidades competitivas ou não competitivas: Ginástica de Academia (32), GA (28), Ginástica Para Todos (29), Ginástica Rítmica (GR|) (16), Ginástica Aquática (06), Ginástica Laboral (04), Ginástica Acrobática (GAcro) (04) e Ginástica Corretiva (01). O segundo critério para a categorização teve como foco a abordagem teórico-metodológica dos estudos, considerando que se remetem a ginástica no contexto mais amplo; com isso, tematizam sobre: História da Ginástica (23), Ginástica Escolar (19), Revisão Bibliográfica (10), Avaliação Funcional (05) e Formação Docente (01). Os artigos partilhavam de mais de uma categoria, foram quantificados mais de uma vez.

Carbinatto et al. (2016a) identificam a prevalência da GA nas publicações referentes às modalidades competitivas da FIG, seguida da GR, GAcro e Aeróbica; aspecto que coincide com nosso levantamento, destacando-se a GA com 28 publicações, seguido da GR com 16 e 04 artigos sobre GAcro. Por outro lado, não evidenciou-se publicações sobre Ginástica Aeróbica.

A maioria das investigações tem sua origem em instituições das regiões sul e sudeste. Na região sudeste destaca-se o grande número de publicações em que os/as autores/as estão vinculados/as à USP e à Unicamp, corroborando Carbinatto et al. (2016b) que evidenciaram pouco investimento em estudos sobre ginástica nas regiões centro-oeste, nordeste e norte.

No que se refere à procedência territorial das revistas, Carbinatto et al. (2016b) identificaram que 59,1% delas estão na região sudeste, 29,5% na sul, 5,9% na centro-oeste e 6,5% na nordeste. Nenhum na região norte. Nossos dados coincidem com Carbinatto et al. (2016b) sobre a prevalência da revista Conexões no que tange a procedência territorial. Contudo, a região centro-oeste assumiu maior destaque com 35 publicações para RBCM, 30 para RBCE e 23 para Pensar a Prática.

O material investigado evidenciou uma estreita relação entre ginástica e universo feminino. Trajano e Franco (2017) destacam que ao longo do século XX a prática corporal indicada para mulheres era a ginástica e a dança, pois valorizava a beleza, a fragilidade e a sutileza como características inerentes à construção cultural feminina. A amostra identificou 28 publicações sobre GA envolvendo 61 autores/as; 36 do gênero feminino e 25 do masculino, com destaque para Myrian Nunomura que participou em 12 publicações. Das 28 publicações, 19 se referem a pesquisas empíricas, em que 14 envolvem ginastas femininas e 04 ginastas masculinos.

Quadro 02: Ano/publicações GA

Ano	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	T
									0										
	9	9	9	9	9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	o
									7										
	8	8	9	9	9	0	0	0		0	0	1	1	1	1	1	1	1	t
	8	9	0	2	9	3	4	5		8	9	0	1	3	4	5	6	6	a
Revista																			l
RBCE	-	1	-	-	1	1	-	1	-	-	1	1	1	1	1	1	-	2	11
RBCM	1	-	1	1	-	-	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	8
Motrivivência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Movimento	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Conexões	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	2

Pensar a Prática	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	1	1	5
Total	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	2	1	2	3	2	6	28

O quadro 02 mostra as publicações referentes à GA nos periódicos. Em formato de artigo científico, somente em 1988 a GA surge como objeto de investigação. No Brasil, desde 1996, a GA passou a alcançar melhores resultados no contexto nacional e internacional, com destaque especial para a atleta Daniele Hypólito (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2018). Esse desempenho esportivo parece não interferir no interesse investigativo sobre essa área nos periódicos investigados, uma vez que na década de 1980 foram publicados 03 artigos e nos anos de 1990, apenas 02. Ressaltando que 03 dos periódicos investigados já existiam na década de 1980.

Entretanto, percebe-se um aumento do número de publicações sobre GA nos periódicos entre 2003 e 2010 (09 artigos), alcançando valores mais representativos entre 2011 e 2016 (14 artigos). Tal fato pode estar relacionado com o desempenho de atletas brasileiros de GA nos últimos anos da década de 1990 inspirando que a modalidade despertasse interesse investigativo mais sistematizado. Dentre esses/as atletas destacam-se Daniela Hypólito (desde 1996), Daiane dos Santos (1999 a 2012), Diego Hypólito (desde 2001), Jade Barbosa (desde 2002), Laís Souza (2003 a 2008), Arthur Zanetti (desde 2007) e Arthur Nory (desde 2005) (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2018).

Neste trajeto, destacam-se 09 publicações na primeira década do século XXI e 14 na segunda. Da mesma forma, a preocupação com o processo de formação dos/as profissionais que atuam na GA foi foco de interesse no período de 2003 a 2014, especificamente nos estudos de Nunomura e Nista-Piccolo (2003), Nunomura (2004), Nunomura, Carbinato e Carrara (2012) e Schaivon et al. (2014).

Carrara e Mochigucki (2008) analisaram virtualmente a biomecânica do exercício “crucifixo” realizado nas argolas. Tal publicação chama atenção para o fato de 04 anos mais tarde, nos Jogos Olímpicos de Londres, a primeira medalha do Brasil em Olimpíadas ter sido no aparelho argolas.

Entre 2000 a 2003 poucos estudos foram encontrados sobre a GA. Carbinatto et al. (2016b) pontuam que entre 2001 e 2003 prevaleceu publicações sobre ginástica em livros e anais de eventos, fontes que não foram o foco desta investigação.

GA E EF: DADOS QUALITATIVOS

As 28 publicações foram organizadas em 03 categorias (quadro 03), descritas e analisadas qualitativamente.

Quadro 03: Categorização das publicações sobre GA

Categorias	Aspectos históricos, sociais e conceituais	Aspectos fisiológicos, biomecânicos e afins	Aspectos Profissionais e Pedagógicos	Total
Contexto não escolar	05	10	08	23
Contexto escolar	-	-	05	05
Total	05	10	13	28

ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E CONCEITUAIS

Cinco publicações integram essa categoria. Sobre a Ginástica Olímpica (GO) no Brasil, Dianno (1988) analisou fatores que prejudicam o seu desenvolvimento através de um levantamento bibliográfico. Concluiu que no final dos anos de 1980 havia controvérsias quanto à nomenclatura GO. Igualmente, Publio (1992) destacou os indícios dessa manifestação corporal desde a Antiguidade grega, ressaltando o movimento inicial de sistematização da GO como modalidade de ginástica e seus precursores. Nesse processo, destaca-se a estruturação da GO na Alemanha, com recorte temporal entre 1811 e 1972. Apresenta um breve levantamento histórico sobre a GO no Brasil entre 1824 e 1979.

Dianno (1988) e Publio (1992) são relevantes para essa área de conhecimento por apresentarem registros históricos para a compreensão da inserção da GA na América Latina.

FERREIRA, ALMEIDA e FRANCO; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.15, n.2, p.194-213, Jul-DEZ 2019
Dianno (1988), em especial, ressalta o descaso com a ginástica como elemento da cultura corporal, que passa a constituir o universo da EF no final da primeira metade do século XX, assim como descrito por Ayoub (2003).

Sobre os códigos de pontuação da GA, Nunomura, Nista-Piccolo e Públio (1999) fizeram um estudo bibliográfico com objetivo de relatar algumas das opiniões relacionadas às constantes mudanças das regras da GA no período de 1997 a 2000. Constataram que houve a ocorrência de muito transtorno aos/às técnicos/as na adaptação aos novos códigos.

Nunomura, Nista-Piccolo e Eunegi (2004) investigaram pessoas que se destacaram com a modalidade coletando suas opiniões acerca da utilização da nomenclatura GO ou GA. Concluíram que o órgão máximo no Brasil, a CBG, não estabelece critérios de análise para essa questão. Assim, não foi possível chegar a um consenso para a padronização da nomenclatura, o que gerava certo desconforto entre os/as envolvidos/as.

Barros et al. (2016) analisaram a produção científica sobre a GA entre 2000 e 2014, em periódicos nacionais e internacionais. Foram analisados 382 artigos. Concluiu-se que o cenário das publicações aponta para uma exploração ampla do tema com estudos predominantemente internacionais e de viés qualitativo. Nessa direção, Carbinatto et al. (2016b) afirmam que o aumento do quantitativo de publicações após o ano de 2010 pode ser explicada pela busca da internacionalização das pesquisas, sobretudo após o ano de 2008, influenciado pelo padrão Capes de avaliação necessário à criação, manutenção de Programas de Pós-Graduação brasileiros.

ASPECTOS FISIOLÓGICOS, BIOMECÂNICOS E AFINS

A segunda categoria reúne 10 publicações. Dianno, Rivet e Vatavuk (1989) analisaram os perfis de 40 ginastas olímpicas pertencentes ao Esporte Clube Pinheiros e Esporte Clube Osasco, observando variáveis como idade, tempo de prática e nível, com o objetivo de formar um perfil dessas ginastas e comparar os dados com pesquisas internacionais que tiveram o mesmo objetivo. Elas foram submetidas a avaliações antropométricas e testes de força e impulsão. Em relação às medidas antropométricas, o estudo concluiu que o tempo de prática das ginastas parece não influenciar, embora as ginastas apresentem valores inferiores aos da população em geral, com exceção apenas para a circunferência do braço.

Carrara e Mochigucki (2008) analisaram biomecânicamente o exercício “crucifixo” realizado nas argolas na GA masculina, bem como as diferenças mecânicas entre os aparelhos utilizados em competição e treino. Utilizaram simulações feitas por meio de rotinas elaboradas no Matlab 6.5 (Mathworks, Inc). Em relação aos métodos de treinos utilizados,

FERREIRA, ALMEIDA e FRANCO; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.15, n.2, p.194-213, Jul-DEZ 2019
somente em determinadas situações são encontrados valores similares na relação de forças, quando comparados aos valores encontrados nas provas de argolas em competições.

Nunomura, Pires e Carrara (2009) conheceram as características do treinamento de ginastas masculinos e femininos, através de entrevistas semiestruturadas com 46 técnicos/as da modalidade no país. Esse estudo fez parte de um projeto maior que teve como propósito identificar as características do processo de formação esportiva da GA competitiva. Constatou-se que os/as técnicos/as encontram apoio na literatura em relação às capacidades desenvolvidas durante o treinamento, mas ainda estão desatualizados em relação a outros aspectos, como a preocupação excessiva com o desenvolvimento da força em relação a outras capacidades.

O tempo de reação entre atletas de GA, basquetebol e não atletas foi alvo de investigação de Bruzi et al. (2013). Avaliaram 32 pessoas com objetivo de comparar e verificar se a prática dessas modalidades influenciava no tempo de reação simples quando envolve apenas um estímulo de escolha. Constataram que os/as atletas das duas modalidades estudadas apresentaram tempo de reação simples menor que os não atletas, mostrando que essas modalidades têm efeitos positivos na melhoria do tempo de reação simples.

Dianno e Rivet (1990) avaliaram 14 ginastas olímpicas de alto nível, entre 9 a 15 anos, que pertenciam ao Esporte Clube Osasco. Analisaram as mudanças nas características de aptidão física na fase de crescimento. Concluiu-se que os valores antropométricos das ginastas olímpicas são inferiores aos da população, tendendo a se aproximarem com o aumento da idade.

Meira e Nunomura (2010) discutiram sobre resultados de pesquisas que relacionavam a ação do hormônio leptina e desregulações no sistema reprodutivo durante a puberdade em atletas de GA. Foram realizadas buscas em bibliotecas, sites e revistas especializadas nos diferentes temas: nutrição, treinamento esportivo, endocrinologia, medicina do esporte, metabolismo, pediatria e fisiologia, com recorte temporal para o ano de 1990. Relataram que as ginastas poderiam apresentar idade da menarca atrasada, disfunções ósseas, entre outros problemas, devido um desajuste do sistema reprodutivo durante a puberdade, causado pelo estresse do treinamento intensivo e baixa ingestão calórica.

Viana et al. (2011) investigaram o desempenho e a contribuição visual no controle postural de crianças praticantes (equipe de GA de Guarulhos) e não praticantes de GA (da comunidade na periferia da cidade de São Bernardo do Campo). Os dois grupos foram avaliados a partir de tarefas posturais sobre uma plataforma de força (Kistler, modelo 9286A).

Resultou que a GA promove melhor desempenho do sistema de controle postural de crianças mais jovens e em tarefas de baixa demanda, que está associado ao uso de informação visual.

Tendo como sujeitos 24 atletas de GA e GAcro, de 09 a 15 anos, de clubes da cidade de Brasília-DF, Benck, David e Carmo (2016) detiveram-se à descrição do fenômeno da força muscular dessas atletas, assim como na evidência de possíveis manifestações de desequilíbrio muscular tentando, em seguida, estabelecer correlações com a idade cronológica das investigadas. Utilizaram-se do Dinamômetro Isocinético Biodex Sistem III para avaliação do torque muscular dos movimentos de extensão e flexão dos joelhos. Concluíram que 90% das atletas apresentaram grandes índices de risco de desequilíbrio muscular e que o fortalecimento dos músculos isquiotibiais pode reduzir esse fenômeno e prevenir lesões.

Neves et al. (2016) verificaram a influência da mídia e a internalização do ideal de magreza sobre o comportamento alimentar em praticantes de GA e de um grupo controle. Participaram do estudo 413 adolescentes de ambos os gêneros, com faixa etária entre 10 e 18 anos, que faziam parte do Projeto de GA de Três Rios/RJ. Coletaram dados antropométricos de massa corporal, estatura e dobras cutâneas. Também foram aplicados dois questionários. Um questionário (SATAQ-3) a fim de avaliar a influência da mídia, esporte e exercício sobre a imagem corporal; e outro questionário (EAT-26) para avaliar os comportamentos de risco para transtornos alimentares. Os/as não atletas apresentaram maior índice de massa corporal e percentual de gordura que os/as atletas de base e de alto rendimento. Concluíram que os comportamentos de risco para transtornos alimentares são diferentes em atletas de alto rendimento e que a mídia não influenciava no comportamento alimentar.

Freitas e Stigger (2016) investigaram ‘como’ e ‘por quê’ uma criança se mantém em uma equipe de GA de alto rendimento. Foi utilizado o método etnográfico, tendo como foco 10 meninas e uma treinadora de um clube de Porto Alegre. Questionam-se críticas realizadas ao esporte de alto rendimento como a busca desenfreada pela vitória, a passividade das crianças atletas e da impossibilidade de brincar e vivenciar suas infâncias. Entretanto, evidenciou-se que algumas crianças vivenciavam outra infância na GA, marcada pela disciplina e restrições, mas também pela possibilidade de brincar com os limites corporais, estreitar laços de amizade e ampliar as suas experiências culturais.

Freitas e Stigger (2016) foi o único estudo dessa categoria que questiona a prevalência da aptidão física no trabalho com a GA. Os dados analisados nessa categoria confirmam que a GA no Brasil ainda é pautada pela aptidão física, aspecto reafirmado a seguir.

ASPECTOS PROFISSIONAIS/PEDAGÓGICOS: CONTEXTO NÃO ESCOLAR

Oito publicações integram essa categoria. Nunomura e Nista-Piccolo (2003), Nunomura, Carbinato e Carrara (2012) e Schaivon et al. (2014) realizaram estudos empíricos entrevistando profissionais envolvidos no campo da GA em diversas regiões do Brasil, enquanto que, Nunomura (2004), sustentou suas análises por meio de uma revisão bibliográfica.

Esses estudos convergem na afirmativa de que há uma deficiência na formação em GA oferecida pelos cursos superiores de EF no Brasil, atrasando o desenvolvimento da modalidade. Reconhecem a necessidade de uma formação continuada mais abrangente para suprir as necessidades de formação profissional e destacam que somente a experiência como ex-atleta não é suficiente para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade.

Nunomura e Oliveira (2014) analisaram os aspectos envolvidos no processo de seleção de novos talentos. Entrevistaram 24 técnicos/as em 29 instituições de São Paulo e cidades do Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre. O processo de detecção e seleção é baseado principalmente na idade cronológica, morfologia e antropometria, além de testes de capacidades físicas, desconsiderando outros aspectos impactantes no desempenho de atletas de GA. Destacam que esse tipo de avaliação, apesar de certo grau de sucesso, ainda favorece a exclusão de possíveis talentos.

Tsukamoto e Nunomura (2005) investigaram como a GA era desenvolvida em clubes esportivos de São Paulo, entrevistando 10 profissionais. Constataram que a modalidade era trabalhada de forma exclusiva mista ou em sistema de rodízio, ou seja, todos os/as alunos/as vivenciam todas as modalidades de ginástica na iniciação esportiva. Ressaltaram que enquanto os clubes incentivam que a GA seja iniciada precocemente, a literatura condena essa perspectiva.

Aleixo et al. (2014) investigaram a instrução na apresentação das tarefas da GA utilizando 03 estratégias instrucionais: instrução direta, ensino aos pares e aprendizagem cooperativa. Participaram 29 meninas, de 09 a 12 anos, do Projeto de extensão de GA da Escola de EF, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Apontaram que compreender a ação do movimento de acordo com a sua estrutura básica de realização permitiu evoluir posteriormente para as exigências mais específicas das habilidades. Envolvendo este mesmo projeto, mas com uma amostra maior, 53 meninas e 2 treinadoras, Aleixo e Mesquita (2016) verificaram o impacto da abordagem instrucional na ampliação do conhecimento declarativo em praticantes de GA. Concluiu-se que a ampliação e o envolvimento dos conhecimentos cognitivos sobre a GA potencializaram

o desempenho na realização das atividades, assim como a utilização combinada de diferentes modelos de ensino torna-se um processo pedagógico eficaz.

Os dados apresentados até aqui permitem responder à questão central dessa pesquisa. Identificou-se que a aptidão física é predominante na GA, norteando a formação profissional e técnica, direcionando a busca por atletas de alto rendimento. Não foi observado nas publicações preocupação com o sujeito histórico e social envolvido no universo das práticas esportivas, como priorizado na proposta do Movimento Renovador da EF, o que não atende a formação ampliada do sujeito (BRACHT, 1999; BARBIERI; PORELLI; MELLO, 2008; BRACHT; MACHADO, 2016). Esse aspecto foi também evidenciado em publicações que envolvem o contexto escolar.

ASPECTOS PROFISSIONAIS/PEDAGÓGICOS: CONTEXTO ESCOLAR

Cinco publicações constituem essa categoria. Carbinatto et al. (2010) entrevistaram 54 alunos/as, entre 7 e 10 anos, da atividade extracurricular de GA do Colégio Salesiano Dom Bosco. O objetivo foi saber sobre os motivos que os/as levaram a optar pela GA. Concluíram que a participação do/a professor/a é de fundamental importância para manter a motivação do/a aluno/a.

Lopes, Oliveira e Nunomura (2016) entrevistaram 6 professores/as de GA, de 6 colégios de São Paulo, discutindo sobre os motivos que levam seus/suas alunos/as a praticarem a GA. Existem um conjunto de fatores extrínsecos e intrínsecos que favorecem e desfavorecem a prática da GA, sendo necessária a identificação desses fatores e seu compartilhamento com pais/mães e alunos/as. Uma comunicação intensificada entre professores/as e alunos/as para que não haja dúvida sobre o atendimento de suas necessidades e expectativas foi fator evidenciado.

Sob a hipótese de que os conteúdos gímnicos desenvolvidos nos cursos de graduação em EF não consigam evidenciar as reais condições das escolas, inviabilizando que a ginástica seja desenvolvida como conteúdo curricular, Schiavon e Nista-Piccolo (2007) levantaram as fragilidades da formação docente e, em seguida, propuseram estratégias educacionais para o ensino e a aprendizagem da ginástica na escola por meio de um processo de formação docente continuada. Participaram professores/as de EF de Campinas-SP que, sob o suporte das teorias de Vygotsky, tiveram acesso a conhecimentos teóricos e práticos sobre GA e GR, assim como suporte para a aplicabilidade desses conteúdos em aula. Percebeu-se a necessidade de capacitação profissional não somente nos aspectos técnicos dos vários temas da EF escolar, mas, desencadear possibilidades de transformação de saberes.

Santos et al. (2015) investigaram diferenças nos movimentos fundamentais entre pré-escolares, entre 4 e 7 anos, que participavam de esportes e pré-escolares que participavam apenas de EF escolar. Aliadas às aulas de EF, a prática da GA contribuiu para a melhoria das habilidades motoras.

Lima et al. (2015) analisaram os Cadernos de EF do Estado de São Paulo. Foi observado que o conteúdo oferecido pelos Cadernos é somente um ponto de partida para a compreensão da GA, apresentando lacunas associadas às necessidades dos/as docentes, como, por exemplo, a falta de referencial teórico com direcionamento para a estruturação de aulas, organização de sequências pedagógicas, etc. Porém, concluiu-se que os Cadernos contribuem significativamente para os/as profissionais durante as atividades, mas poderiam ser mais abrangente no conteúdo.

O Coletivo de Autores (1992) entende que é importante permitir aos/às alunos/as vivenciarem suas próprias experiências corporais, possibilitando a criação de novas formas de manifestações gímnicas comparadas às tradicionais. Para tal é necessário que além de um bom processo de formação docente, evidencie-se o entendimento de que a relação docente/discente deve se pautar em processo de comunicação que conduzam a resultados favoráveis ao processo educativo.

Carbinatto et al. (2010) e Lopes, Oliveira e Nunomura (2016) parecem evidenciar este aspecto ao discutirem sobre a motivação de alunos/as em práticas extracurriculares de GA, ressaltando a importância da comunicação entre professor/a e aluno/a. Dentro deste contexto, Schiavon e Nista-Piccolo (2007) explicitam a necessidade de uma formação docente que vá além da habilidade técnica, permitindo, como Santos et al. (2015), demonstrar que a prática da GA amplia as dimensões das habilidades motoras na infância. Com isso, ao refletir sobre os aspectos profissionais e pedagógicos que envolvem a GA no contexto escolar, Lima et al. (2015) entendem a necessidade de revisão constante dos materiais produzidos para orientar a prática pedagógica, ressaltando assim, como descrito pelo Coletivo de Autores (1992), a necessidade de compreensão da realidade numa perspectiva de totalidade, dinâmica e propícia a transformações.

Carbinatto et al. (2016a) ressaltam a baixa incidência de um olhar sobre o praticante da GA - aspecto também identificado neste estudo. Das 11 publicações sobre os aspectos profissionais/pedagógicos, somente Carbinatto et al. (2010) e Santos et al. (2015) enfocaram o/a praticante de GA; a primeira analisando os motivos que levaram a prática dessa

FERREIRA, ALMEIDA e FRANCO; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.15, n.2, p.194-213, Jul-DEZ 2019 modalidade e, a segunda, fazendo uma análise sobre a contribuição da GA no aprendizado de movimentos fundamentais.

CONCLUSÃO

Ao analisar como a GA se evidencia em 06 periódicos nacionais específicos para a área de EF, tendo como recorte temporal o período entre 1979 a 2016, 28 publicações em forma de artigo foram identificadas. A partir desses dados foram elencadas 03 categorias para descrição e análise do material.

Na primeira categoria, 05 artigos versam sobre a história da GA e o seu desenvolvimento no Brasil, as polêmicas geradas sobre as nomenclaturas da modalidade (GO ou GA), os códigos de pontuação e a produção científica na área. Os 10 artigos da segunda categoria discutem sobre os aspectos fisiológicos e biomecânicos da ginástica, seguido de outros temas ligados ao treinamento, a influência da mídia, a formação de crianças no esporte, variáveis antropométricas e aspectos biológicos como a interação entre leptina e GA.

Aspectos profissionais/pedagógicos da GA foi a categoria mais evidenciada, 13 publicações, sendo 08 referente ao contexto não escolar e 05 ao escolar, das quais exaltou-se uma preocupação com a formação do/a profissional de GA. Para essa categoria, observa-se que o alto rendimento foi o foco na maioria dos estudos referentes ao contexto não escolar.

Os dados analisados informam que o interesse investigativo sobre GA assume maior representação no contexto não escolar, da mesma forma que a aptidão física e o alto rendimento prevalecem como foco nessas pesquisas, destacando o predomínio da vertente positivista como campo teórico. Ao verificar o público investigado e os/as pesquisadores/as envolvidos nos estudos, observa-se uma relação estreita com o universo feminino, aspecto inerente à história da ginástica. Por fim, percebe-se que a GA, assim como a ginástica no contexto ampliado, vem sendo pouco explorada nos periódicos analisados.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, I. S. et al. A instrução do professor na apresentação de tarefas no ensino de ginástica artística. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 313-330, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/19391/16736>. Acesso em: 6 nov. 2017.

ALEIXO, I. M. S.; MESQUITA, Isabel. O impacto de diferentes estratégias de ensino no desenvolvimento do conhecimento declarativo de iniciantes na ginástica artística. **RBCE**, Campinas, v. 38, n. 4, p. 349-357, out./dez. 2016. Disponível em:

FERREIRA, ALMEIDA e FRANCO; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.15, n.2, p.194-213, Jul-DEZ 2019

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892016000400349. Acesso em 08 jan. 2019.

AYOUB, E. **Ginástica Geral e Educação Física Escolar**. Campinas:Unicamp, 2003.

BARBIERI, A. F.; PORELLI, A. B. G.; MELLO, R. A. Abordagens, Concepções e Perspectivas de Educação Física Quanto à Metodologia de Ensino nos Trabalhos Publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Rbce) em 2009. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 31, p. 223-240, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n31p223/13003>. Acesso em: 25 fev. 2018.

BARROS, T. E. S. et al. Análise das publicações científicas sobre a ginástica artística. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 67-81, mai. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Neil/AppData/Local/Temp/2016.Barrosetal.AnliseDasPublicaesCientficasSobreGA.RevMotrivivencia.pdf>. Acesso em 8 jan. 2019.

BENCK, B. T.; DAVID, A. C.; CARMO, J. C. Déficits no equilíbrio muscular em jovens atletas de ginástica feminina. **RBCE**, Campinas, v. 38, n. 4, p. 342-348, out./dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892016000400342. Acesso em 08 jan. 2019.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, V.; MACHADO, T. S. O impacto do movimento renovador da educação física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 849-860, jul./set. 2016.

BRUZI, A. T. et al. Comparação do tempo de reação entre atletas de basquetebol, ginástica artística e outros atletas. **RBCE**, Campinas, v. 35, n. 2, p. 469-480, abr./jun. 2013. Disponível em: <hfile:///C:/Users/Neil/AppData/Local/Temp/1125-9005-1-PB.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2017.

CARBINATTO, M. V. et al. Campos de atuação em ginástica: estado da arte nos periódicos brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 917-928, jul./set. 2016. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/61648/38860>. Acesso em 10 set. 2017.

CARBINATTO, M. V. et al. Motivação e Ginástica Artística no Contexto Extracurricular. **Conexões**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 124-145, set./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/issue/view/503>. Acesso em: 5 set. 2017.

CARBINATTO, M. V. et al. Produção do conhecimento em ginástica: uma análise a partir dos periódicos brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1293-1308, out./dez. de 2016b. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/61223>. Acesso em 10 set. 2017.

CARRARA, P.; MOCHIGUEKI, L. Análise biomecânica do crucifixo nas argolas. **RBCM**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 83-91, 2008. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/825/880>. Acesso em: 6 nov. 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. História. 2017. Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DIANNO, M. V. A ginástica olímpica no Brasil. **RBCM**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 57-58, jul./ago. 1988. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/152/85>.. Acesso em: 5 set. 2017.

DIANNO, M. V.; RIVET, R. E. Progressão de variáveis antropométricas e neuromotoras em um ano de treinamento de ginastas olímpicas femininas. **RBCM**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 7-13, 1990. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/118/295>.. Acesso em: 5 set. 2017.

DIANNO, M. V.; RIVET, R. E.; VATAVUK, M. C. Perfil de aptidão física de ginastas femininas. **RBCM**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 26-36, 1989. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/73/94>.. Acesso em: 6 nov. 2017.

FREITAS, M. V.; STIGGER, M. P. A formação de crianças para o esporte de alto rendimento: sobre “manobras” e diferentes apropriações nos treinos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 81-91, jan./mar. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Neil/AppData/Local/Temp/36808-Texto%20do%20artigo-170782-1-10-20160408.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2017.

GÜNTHER, H.. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-209, mai./ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>. Acesso em: 14 ago. 2017.

LIMA, L. B. Q. et al. A ginástica artística na proposta curricular para Educação Física em São Paulo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 395-406, abr./jun. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Neil/AppData/Local/Temp/32162-Texto%20do%20artigo-153899-2-10-20160315.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2017.

LOPES, P.; OLIVEIRA, M. S.; NUNOMURA, M.. Motivação e ginástica artística na escola: a perspectiva do professor. **RBCM**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 69-79, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/5883/0>. Acesso em: 5 set. 2017.

MATTOS, M.; ROSSETTO JUNIOR, A.; BLECHER, S. **Metodologia da pesquisa em Educação Física**. São Paulo: Phorte, 2008.

MEIRA, T. B.; NUNOMURA, M. Interação entre leptina, ginástica artística, puberdade e exercício em atletas do sexo feminino. **RBCE**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 185-199, set. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892010000400013. Acesso em: 5 set. 2017.

NEVES, C. M. et al. Influência da mídia e comportamento alimentar de adolescentes atletas e não atletas de ginástica artística. **RBCM**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 129-137, abr./jun. 2016.

FERREIRA, ALMEIDA e FRANCO; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.15, n.2, p.194-213, Jul-DEZ 2019

Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/influencia-da-midia-e-comportamento-alimentar-de-adolescentes-atletas-e-nao-atletas-de-ginastica-artistica>. Acesso em: 5 set. 2017.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phorte, 2005.

NUNOMURA, M. A Formação dos técnicos de ginástica artística: os modelos internacionais. **RBCM**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 63-69, set. 2004. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/576/600>.. Acesso em: 6 nov. 2017.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. A ginástica artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional. **RBCE**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 175-194, mai. 2003. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/770/444>.. Acesso em: 6 nov. 2017.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L.. Ginástica olímpica ou ginástica artística? Qual a sua denominação? **RBCM**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 69-74, dez. 2004. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/ginastica-olimpica-ginastica-artistica-qual-sua-denominacao>. Acesso em: 5 set. 2017.

NUNOMURA, M.; PIRES, F. R.; CARRARA, P.. Análise do treinamento na ginástica artística brasileira. **RBCE**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 25-40, set. 2009. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/630/390>. Acesso em: 6 nov. 2017.

NUNOMURA, M.; CARBINATTO, M. V.; CARRARA, P. D. S. Reflexão sobre um programa de formação profissional na ginástica artística. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 469-483, abr./jun. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Neil/AppData/Local/Temp/ReflexaoFormPUBLICADO.pdf>. Acesso em: 5 set. 2017.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L.; PÚBLIO, N. S. Uma reflexão sobre o código de pontuação da Ginástica Artística. **RBCE**, Campinas, v. 20, n. 2e3, p. 148-153, abr./set. 1999. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/issue/viewIssue/86/1>. Acesso em: 3 set. 2017.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. Detecção e Seleção de Talentos na Ginástica Artística Feminina: A Perspectiva dos Técnicos Brasileiros. **RBCE**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 311-325, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/1288/929>.. Acesso em: 17jan. 2018.

PÚBLIO, N. S. História da ginástica olímpica. **RBCM**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 88-90, 1992. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/207/366>. Acesso em: 5 set. 2017.

SANTOS, S. P. et al. Contribuições da aula de ginástica artística para o desenvolvimento das habilidades fundamentais. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. 3, p. 65-84, jul./set.2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8640871>. Acesso em: 6 nov. 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2016.

SCHAIIVON, L. M. et al. Análise da formação e atualização dos técnicos de ginástica artística do estado de São Paulo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 618-635, jul./set. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Neil/AppData/Local/Temp/29749-Texto%20do%20artigo-135021-2-10-20141010.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2017.

SCHIAVON, L. M.; NISTA-PICCOLO, V. L. A ginástica vai à escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 131-150, set./dez. 2007. Disponível em <file:///C:/Users/Neil/AppData/Local/Temp/3572-12211-1-PB.pdf>. Acesso em 8 jan. 2019.

TRAJANO, R. W.; FRANCO, N. Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher. **Conexões**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 65-91, jan./mar.2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646350/16136>. Acesso em: 25 fev. 2017.

TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOMURA, M. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **RBCE**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 159-176, mai. 2005. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/iniciacao-esportiva-infancia-um-olhar-sobre-ginastica-artistica>. Acesso em: 5 set. 2017.

VIANA, A. R. et al. Controle postural e uso de informação visual em crianças praticantes e não praticantes de ginástica artística. **RBCE**, Campinas, v. 33, n. 3, p. 747-760, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/951/689>. Acesso em: 6 nov. 2017.